

V ENEC - Encontro Nacional de Estudos do Consumo

I Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo

Tendências e ideologias do consumo no mundo contemporâneo

15, 16 e 17 de setembro de 2010 - Rio de Janeiro/RJ

INTERNET E MERCADO ERÓTICO: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE X-SITES

Carolina Parreiras¹

Resumo: Em minha pesquisa de Doutorado abordo o tema dos vídeos pornôns encontrados na internet, para pensar sobre os possíveis impactos e modificações proporcionados por esta tecnologia nos modos de representação pornográfica. A escolha do *on-line* se deu a partir da constatação do enorme crescimento e segmentação do mercado pornô neste espaço, bem como das constantes tentativas nacionais e transnacionais de controle do conteúdo veiculado na rede, cujos principais pontos de discussão são a pornografia, a pedofilia e a pirataria. Assim, pretendo neste paper, a partir de uma perspectiva antropológica, abordar as maneiras como o *on-line* atua no mercado erótico, especialmente no Brasil, aumentando a segmentação do gênero pornográfico e permitindo o crescimento da chamada pornografia alternativa (*altporn*) e a proliferação dos vídeos amadores (chamados por alguns de *realcore*). Todas as considerações teóricas se darão a partir de dados obtidos até o momento em minha pesquisa de campo, cujo foco tem se concentrado em alguns X-sites (termo genérico para sites que veiculam pornografia) nacionais e estrangeiros. Penso que as nomenclaturas e as fronteiras entre estes segmentos do pornô merecem mais atenção e é fundamental pensar no seu significado e nos interesses envolvidos na reivindicação de enquadramento em cada um destes ramos. Além disso, entram na pauta de discussão a segmentação do mercado pornográfico, o estabelecimento de fronteiras entre os tipos de filmes produzidos (divisão *mainstream*, alternativo e amador/*realcore*), a circulação de convenções de gênero e sexualidade, questões metodológicas, éticas e teóricas de se realizar uma etnografia *on-line* (e neste ponto, pretendo tecer algumas considerações sobre o uso de ferramentas como o Twitter (www.twitter.com) para realização da pesquisa de campo) ou mesmo a contingência e porosidade daquilo que chamamos – talvez por falta de nomenclaturas melhores – de *on-line* e *off-line*.

Palavras-chave: pornografia – ciberespaço – mercado erótico

¹ Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Unicamp e doutoranda em Ciências Sociais pelo Programa de Doutorado em Ciências Sociais da mesma universidade. Contato: carolparreiras@gmail.com.

Introdução

Desde o advento da internet em meados da década de 90, muitos têm sido os esforços de empreender investigações que tomem como foco o aparato tecnológico, as maneiras como as pessoas se relacionam com a tecnologia e também as interações sociais proporcionadas pela interligação global de computadores. O ciberespaço apresenta algumas características distintivas, como por exemplo, não se tratar mais de uma realidade material, física e baseada em contatos face a face. Além disso, outras questões para estudo emergiram, tais como, a separação (ou não) entre *off-line* e *on-line*, a busca de entendimento das identidades virtuais, a construção e reconstrução de corpos no virtual, as novas possibilidades de consumo dos mais diferentes bens e da tecnologia em si, as diferentes representações da subjetividade, o estabelecimento de relações de sociabilidade, dentre outras.

Em termos gerais, interessa aqui, seguindo as considerações de Guimarães Jr. (2000), tomar o ciberespaço como espaço simbólico de comunicação, interação e sociabilidade. Deste modo, este espaço só ganha significação a partir das práticas e vivências dos usuários, os quais estão durante todo o tempo desenvolvendo entre si (e com o próprio aparato tecnológico) diferentes tipos de relações, algumas delas circunscritas apenas ao virtual e outras que extrapolam os contatos mediados por computador.

Além disso, como alertam Escobar (1994) e Marshall (2007), os desenvolvimentos tecnológicos provocam modificações em muitas noções e convenções. É importante deixar claro que, muitas vezes, as discussões sobre o ciberespaço recaíram em um pensamento dicotômico, o qual opõe *on-line* e *off-line*. Como meio de escapar a esta polarização, Miller & Slater (2004) apontam a necessidade de trabalhar sempre com a idéia de contextos, sendo que um contexto particular está sempre em relação com outros contextos. Operando desta maneira, evita-se recair em pré-noções como virtualidade ou ciberespaço, as quais *envolvem uma pressuposição metodológica em que o cenário poderia ser tratado como sui generis, autocontido e autônomo*. (Miller & Slater, 2004, p.45).

Do mesmo modo, o ciberespaço não deve ser tomado como dotado de unidade, mas sim, composto por diversas partes, cada uma delas imersa em um contexto

específico e em constante comunicação com outros contextos. A idéia é, então, *desagregar* o virtual em seus vários processos, interações e relações a fim de não tomá-lo como um objeto único. Assim procedendo, é possível ir além da divisão *on-line/off-line* e pensar na passagem (e suas nuances) entre os dois pólos.

No Brasil, houve, nos últimos anos, um aumento considerável dos trabalhos dedicados ao estudo do ciberespaço, com foco em diferentes lugares/cenários/contextos e abordando diversas temáticas. Para citar apenas alguns, vale ressaltar o trabalho de Daniela Araújo (2004) sobre os diários virtuais (blogs) de meninas anoréxicas e bulímicas, o de Carolina Roxo Barreira (2004) a respeito da construção do corpo entre deficientes físicos participantes de salas de bate-papo (chats) e minha dissertação de mestrado (2008) cujo foco foi as relações interpessoais estabelecidas e o modo como se construíram as (homo) sexualidades entre homens que se relacionam afetiva e sexualmente com outros homens e faziam parte de uma comunidade de um programa de relacionamentos (Orkut – www.orkut.com).

Meus esforços de compreender relações estabelecidas por meio da internet continuam, mas agora em um novo âmbito. Em minha pesquisa de doutorado, ainda em andamento, abordo o tema dos vídeos pornôns encontrados na internet a fim de pensar sobre os possíveis impactos e modificações proporcionados por esta tecnologia nos modos de representação pornográfica. Neste paper tento trazer algumas questões iniciais suscitadas pelo trabalho de campo realizado até o momento e no qual me detive na observação de sites que veiculam vídeos classificados como pornográficos. Assim pretendo abordar as maneiras como o *on-line* atua no mercado erótico, especialmente no Brasil, aumentando a segmentação do gênero pornográfico e permitindo o crescimento da chamada pornografia alternativa (altporn) e a proliferação de vídeos amadores. Além disso, vale a pena pensar também no modo como o *on-line* nubla as fronteiras entre produtores e consumidores e permite o crescimento de práticas como a pirataria.

1 – Pornografia e mercado do sexo on-line

É notável nos últimos anos a utilização cada vez maior da internet como meio de veicular representações chamadas de pornográficas. Estas representações adquirem formas diversas, podendo ser textuais, fotográficas ou em vídeo. O *on-line* tem possibilitado o crescimento do mercado pornográfico, bem como sua maior segmentação

e este processo traz conseqüências diversas, tais como, a geração de novas maneiras de se consumir, de interagir e ainda debates nacionais e transnacionais a respeito do controle do conteúdo veiculado na rede, cujos principais pontos de discussão são a pornografia, a pornografia infantil/pedofilia, a pirataria e os direitos autorais.

Só para dar uma ideia do peso da pornografia na internet: de acordo com algumas pesquisas quantitativas, cerca de 40% das atividades realizadas *on-line* envolvem algum conteúdo pornográfico. Uma das pesquisas² neste sentido, conduzida pela HitWise (empresa de consultoria e marketing *on-line*) em 2008, calcula que cerca de 10% das buscas feitas pelos internautas envolvem pornografia, sendo que *sex* e *porn* aparecem como algumas das palavras mais procuradas no *Google*. Outras pesquisas feitas em 2009 afirmam que em média 43% dos usuários da internet ao redor do mundo acessam material considerado pornográfico e que 35% de todos os downloads realizados envolvem pornografia.

Acredito que caiba, antes de entrar especificamente em minhas notas etnográficas, uma breve contextualização a respeito do que está sendo chamado aqui de pornografia e mercado erótico³.

Os estudos de gênero e sexualidade têm se dedicado, nos últimos anos, à análise de uma gama cada vez maior de temas, além de trabalhar com perspectivas que levam em consideração a interface com outros campos de estudo nas diferentes áreas das ciências sociais. Passaram também a considerar a intersecção entre os vários marcadores de diferença (Brah, 2006), tais como, raça, classe social e idade.

Dentre os temas que despertam crescente interesse, localiza-se a tentativa de compreender as diversas faces componentes da chamada “indústria do sexo”. De acordo com Weitzer (2000), “indústria do sexo” se refere àqueles - organizações, agentes, donos, gerentes e trabalhadores - envolvidos em alguma forma de sexo comercial. Acompanha

² Estas pesquisas são realizadas anualmente com os mais diversos fins. Em geral, os responsáveis pelos levantamentos são empresas de consultoria, órgãos governamentais, organizações anti-pornografia (a principal delas é a National Coalition for the Protection of Children & Family, sediada nos Estados Unidos), jornais e revistas ou mesmo as empresas envolvidas na produção e distribuição de conteúdo pornográfico. Sem dúvida, os dados primam pela inexatidão e muitas vezes pela falta de neutralidade, o que faz com que devam ser olhados com cuidado. Isto se deve aos interesses envolvidos na execução dos levantamentos e na dificuldade de mapear a web. Para maiores informações ver www.nationacoalition.org; <http://www.cnbc.com/id/29960781/>; <http://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/porn/business/>.

³ A Antropologia tem uma importante tradição de estudos sobre consumo desde os textos pioneiros de Mary Douglas e Marshall Sahlins, até formulações mais recentes de Arjun Appadurai ou Daniel Miller. Não ignoro o quão rentável estes teóricos podem ser, mas para este paper optei por centrar a reflexão nos conceitos de mercado do sexo e indústria do sexo por estarem mais próximos de meus objetivos de pesquisa.

este conceito a idéia de “sex work”, um termo genérico para serviços sexuais comerciais, performances ou produtos oferecidos em troca de compensação material.

Laura María Agustín (2007) diz ser necessário “o estudo cultural do sexo comercial” (*cultural study of commercial sex*) visto que existe um número ainda pequeno de pesquisas que caminham neste sentido (com exceção da prostituição). Para ela, o sexo não deve ser tratado apenas como uma questão de moral, mas como um assunto cultural, passível de variadas interpretações e imerso em contextos sociais, históricos e econômicos específicos. Os significados de comprar e vender sexo mudam de acordo com processos culturais, históricos e sociais e por isso não é possível entendê-los sem a realização de uma contextualização mais ampla. Assim, apresentam-se como temas de interesse os diferentes locais em que se situa a indústria do sexo, bem como os indivíduos dela participantes (seja como produtores/vendedores ou compradores/consumidores).

O sexo comercial é, ao mesmo tempo, uma forma de trabalho, uma forma de consumo e também uma comunidade, sendo que não se deve pensar apenas os atos sexuais em si, mas também os modos de socialização, os relacionamentos e as trocas mediadas pelo dinheiro ou outras formas de compensação material.

Como parte da indústria do sexo pode ser incluída a pornografia, objeto cuja definição está permeada por inúmeros debates e conflitos. De todo modo, parto da premissa de que a pornografia é uma construção em constante processo de formatação e não é possível caracterizá-la como dotada de um significado intrínseco e essencial.

Se a origem da categoria pornografia pode ser encontrada no século XIX, é no século XX que se desenvolve uma “indústria de representação do obsceno” (Leite Jr, 2006) propriamente dita. E esse desenvolvimento se dá em meio a uma série de disputas envolvendo os conceitos de pornografia e erotismo. Por mais que se tente traçar limites e fronteiras entre os dois conceitos, estes serão sempre imprecisos. Isto porque erótico e pornográfico fazem referência a uma mesma matriz – o sexo, criado pelos dispositivos da sexualidade (Foucault, 2003) – e aparecem como transgressão às convenções morais. Essa fronteira também evoca as distinções que se estabelecem entre erudito e popular, arte e mercadoria, que conviria problematizar.

Talvez faça mais sentido seguir a proposta de Cornell (2000): olhar para a pornografia não como um “objeto pedagógico único” e com sentido e significação intrínsecos, mas tentar entendê-la a partir dos significados que ela adquire para os que a

consomem, para os que travam lutas contra ela, para os envolvidos em sua produção. Parece-me que a proposta da autora é – com vistas a expandir os debates envolvendo a pornografia e o trabalho sexual - reforçar a idéia de que seus significados são contextuais e, desse modo, passíveis de mudanças

2 – Perambulações metodológicas

Acredito que grande parte das pesquisas realizadas na e da internet se defrontam com uma questão inicial muito semelhante: a dificuldade de definir metodologias de pesquisa, bem como de recortes empíricos. Isto porque se trata de um espaço de difícil mapeamento, principalmente quando se fala em pesquisas qualitativas. As aferições quantitativas talvez gozem de uma situação um pouco melhor, até porque grande parte dos programas hoje permite contagem de acessos ou mesmo a localização geográfica dos locais de onde partem os mesmos. Ainda assim, estes dados são bastante imprecisos.

Como, então, lidar com um contexto marcado por imprecisões, mudanças constantes, deslocamentos e fluidez? Esta pergunta me persegue desde o mestrado e creio não possuir qualquer tipo de resposta imediata, mesmo se tomar como ponto de apoio os trabalhos mais recentes sobre as muitas facetas e utilizações da internet. Em minha pesquisa anterior sobre as relações entre homens que se relacionam afetiva e sexualmente com outros homens e que fazem parte de uma comunidade de um programa de relacionamentos (Orkut – www.orkut.com) mostrou-se mais interessante e viável a realização de um estudo de caso¹. Mas para o doutorado dificilmente seria possível a aplicação da mesma estratégia, concentrando as análises e observações em apenas um site ou uma comunidade de consumidores ou produtores de pornografia *on-line*.

E foi com este pensamento que iniciei minha incursão em campo: tentar entender as circulações envolvidas na produção, distribuição, divulgação e consumo de representações pornográficas na internet. Apesar de já possuir um conhecimento prévio de alguns sites que disponibilizam pornografia – paga e gratuita – decidi partir de algo menos localizado, até mesmo para colocar à prova a medida em que conseguiria acompanhar as possíveis redes e deslocamentos.

Deste modo, meu primeiro passo foi utilizar uma ferramenta disponibilizada pelo Google Search: o cadastramento de palavras-chave a fim de criar uma busca personalizada e enviada diariamente ao meu e-mail. No momento de cadastrar as

palavras é possível restringir ou ampliar o escopo da busca: ela pode ser feita na web, em blogs, em notícias, em grupos ou em todos eles ao mesmo tempo. As primeiras palavras que cadastrei foram *pornografia/pornography* e *erotismo/eroticism*. Decidi colocar a palavra também em inglês porque a ferramenta de busca faz esta diferenciação – se eu cadastro em português ela só busca em bases de dados na mesma língua – e achei que seria mais pertinente estabelecer um levantamento exploratório mais vasto.

O primeiro ponto que notei foi a discrepância entre o número de entradas diárias entre as palavras *pornografia* e *erotismo* (e as versões em inglês). Enquanto se passavam dias sem que chegasse qualquer e-mail sobre *erotismo*, em questão de horas eu recebia inúmeros e-mails com conteúdo relativo à *pornografia*. Usei a expressão conteúdo relativo à *pornografia* porque outro dado interessante fornecido por esse cadastramento de palavras é que dificilmente os sites pornográficos - aqueles que veiculam *pornografia*, também conhecidos como *X-sites* – aparecem por meio deste tipo de busca personalizada.

Em um artigo de 2007, Bonik e Schaale analisam as inter-relações entre ferramentas de busca e os *X-sites*. De acordo com eles, desde os primórdios da internet foram desenvolvidas as chamadas ferramentas de busca, as quais, em termos técnicos, são softwares que procuram documentos de variados formatos em meio à circulação incessante de dados da rede. Sua peculiaridade é o fato de permitir restringir a procura aos documentos especificamente relacionados ao que a pessoa está buscando. Atualmente as ferramentas de busca – especialmente o *Google* – agem da seguinte forma: há uma busca da internet na qual as ferramentas enviam os chamados *bots* e *spiders* (são algoritmos, equações matemáticas) para as bases de dados dos sites. Uma observação importante é que estes agentes cibernéticos fazem esta procura em diferentes ritmos e não em tempo real. Através das informações coletadas são construídos índices com dados em forma condensada e simplificada. E são estes dados, aparentemente coletados instantaneamente, que chegam a nós.

Assim, partindo desta primeira constatação sobre as ferramentas de busca, nota-se a dificuldade de fornecer estimativas sobre os *X-sites*. Outro empecilho é o fato de que a busca em si não define o tipo de site procurado: se eles oferecem realmente conteúdo pornográfico, se são índices de outros sites, se são blogs ou páginas *fake*. Para Bonik e Schaale grandes ferramentas de busca, como o *Google*, não ajudam muito na procura por *X-sites*. Um dos motivos é a constante tentativa de controle dos conteúdos buscados, sendo que em muitos países o *Google* aparece com filtros ativados para barrar acesso à *pornografia* (o alvo é a *pornografia* infantil).

Deste modo, cheguei aos *X-sites* que descreverei mais à frente por outras vias que não as ferramentas de busca. Mas as buscas personalizadas que criei foram importantes em outro sentido: elas ajudam a dar um mapa do que vem sendo debatido e publicado a respeito de pornografia ao redor do mundo.

Um primeiro dado é a enorme quantidade de e-mails diários recebidos. Cada e-mail vem com o título da entrada e o *link* para a mesma. A existência deste título ajuda bastante pois é quase impossível, devido à quantidade de *links* diários (em média 100), clicar em todos eles. Assim, sempre faço uma pré-seleção baseada no conteúdo presumido através do título e depois disso passo à leitura do que foi selecionado. Criei uma base de dados para estes *links* para facilitar sua utilização e, neste sentido, agrupá-los em temas afins. Em geral, alguns conteúdos são recorrentes: associação da pornografia com pornografia infantil e pedofilia; sites e blogs feministas que se dividem entre contra e a favor da pornografia; discussões e notícias relacionadas aos debates sobre os aspectos jurídicos envolvidos na utilização da internet de modo mais amplo e na veiculação de pornografia especificamente; sites e páginas de conteúdo religioso com claro posicionamento anti-pornografia e pró-família; notícias de prisões ao redor do mundo por acusação de posse de pornografia infantil ou de pirataria; divulgação de eventos e livros – normalmente acadêmicos – para debate sobre pornografia e erotismo; variados sites com opiniões diversas sobre os efeitos positivos ou danosos da pornografia.

Em paralelo a esta seleção de debates, empreendi esforços no sentido de mapear os sites dedicados à veiculação de pornografia, tanto os considerados *mainstream* quanto os alternativos. Meu objetivo era encontrar o lugar do Brasil no mercado pornográfico *on-line*. Apesar de conhecer alguns *X-sites* bastante populares, nenhum deles era uma iniciativa brasileira. Já que ferramentas como o *Google* se mostraram de muito pouco valor neste sentido, resolvi utilizar outros artifícios. O primeiro deles foi recorrer a um blog brasileiro para divulgação de pornografia e arte erótica. O autor deste blog posta diariamente uma série de vídeos e fotografias que encontra em outros tantos sites brasileiros e estrangeiros. Através dele entrei em contato com outros blogs e sites semelhantes, entre eles o *Go Go Pornville*. Este site divulga eventos ligados à pornografia, bem como veicula matérias sobre filmes e atrizes. Uma de suas seções denomina-se “*Altporn*” e foi através dela que descobri o maior – e provavelmente pioneiro – site brasileiro dedicado à pornografia alternativa.

Meu segundo empreendimento foi aproveitar o Twitter (www.twitter.com), um programa que vem causando sensação e crescendo exponencialmente em número de

adeptos nos últimos dois anos. Eu já utilizava o Twitter desde março de 2008, mas não tinha visto até aquele momento nenhum potencial como ferramenta de pesquisa. Em 2009 se deu a explosão do programa e eu mesma abandonei redes sociais *on-line* de que fazia parte, como o Orkut, para explorar o Twitter. Outros tantos brasileiros fizeram o mesmo e prova disto é que os dados de recentes pesquisas quantitativas sobre o uso das chamadas mídias sociais mostram que os brasileiros representam o segundo país em número de usuários no programa.

Acredito ser importante uma breve explicação de seu funcionamento e de sua história. O Twitter é considerado um programa de microblogging. Isto significa que ele funciona como um blog em miniatura, admitindo postagens de até 140 caracteres⁷. Ele é assim definido por seus criadores:

Twitter is a real-time information network powered by people all around the world that lets you share and discover what's happening now.

Desta definição se pode inferir que o Twitter foi criado para ser uma rede de informações em tempo real construída através das postagens de seus usuários. Deste modo, se caracteriza por ser bastante dinâmico e permitir uma interligação global de pessoas que produzem e consomem informações em tempo real. A cada postagem a pessoa responde à seguinte pergunta: “What's happening?”. Qualquer postagem pode ser respondida (ícone reply) ou retwitada (ícone retweet ou através do uso de RT @ antes da postagem). Para participar do programa é necessário criar uma conta de usuário, escolhendo um *username* que será o modo como você ficará conhecido dentro do programa e nomeará sua página de postagens. Ao criar minha conta pessoal escolhi o nome “carolmineira”. Pelo padrão definido pelo programa, todos os nomes de usuários devem ser precedidos por uma arroba. Assim me tornei a “@carolmineira” e meu profile foi registrado como www.twitter.com/carolmineira. A partir daí você pode seguir e ser seguido por outros usuários, os chamados “following” (pessoas que você segue) e “followers” (pessoas que te seguem).

Um dos primeiros perfis que comecei a seguir no Twitter foi o do dono do blog mencionado acima e que posta curiosidades, vídeos e fotos eróticas/pornográficas. A partir dele descobri uma série de outros twitteiros ligados ao mercado pornográfico: atrizes, produtoras, diretores, divulgadores, consumidores. Passei a seguir vários destes perfis e como o número só crescia, resolvi criar um Twitter apenas para a pesquisa: o @pornresearcher. Acabei não levando a iniciativa à frente porque muitos dos perfis que me interessavam passaram a me seguir como @carolmineira. Minha impressão é que

eles querem seguir não apenas a pesquisadora, a pessoa que posta sobre pornografia, mas a que escreve o que está acontecendo em sua vida em um âmbito mais geral. Isto não difere muito do que eles mesmos fazem: grande parte posta fatos que não tem qualquer relação com pornografia, talvez para criar um maior senso de realidade. O caso mais sintomático neste sentido, a meu ver, é a postura adotada pelas atrizes pornô.

Muitas delas – em especial as norte-americanas - tem utilizado grandemente o Twitter e possuem um número alto de seguidores. Algumas receberam inclusive um certificado de *Verified Account*. Este certificado atesta a veracidade do perfil e prova serem elas mesmas que twittam. Estão no Twitter as mais conhecidas atrizes norte-americanas da atualidade tais como: Nikki Benz (@NikkiBenz); Alektra Blue (@clubalektrablue); Eva Angelina (@evaangelinaxxx); Lexi Belle (@OMGitsLexi); Tori Black (@misstoriblack); Vicky Vette (@vettenationarmy); Jenna Haze (@jenxstudios); Belladonna (@BelladonnaENT); Joanna Angel (@JoannaAngel); Sasha Grey (@SashaGrey). No Brasil, ainda são poucas as atrizes que utilizam esta ferramenta para divulgação e interação com fãs. De modo geral, elas postam suas agendas (filmes em que participam, performances, seus sites pessoais – de conteúdo quase inteiramente pago), fatos de seu cotidiano (quando acordam, onde estão, viagens), publicam fotos dos sets de filmagem ou de passeios.

Durante grande parte do último ano, passei a seguir diversos perfis relacionados à pornografia ou a outros ramos da indústria do sexo. Agustín (2000) detalha o que entende como indústria sexual, composta por bórdeis, certos bares, cervejarias, cabarets, linhas telefônicas eróticas, sexo virtual pela internet, sex-shops com cabines privativas, casas de massagem, saunas, serviços de acompanhantes, agências matrimoniais, vários hotéis e pensões, anúncios sexuais divulgados em revistas e jornais, cinemas, vídeos e revistas pornográficos, sadomasoquismo comercial⁴ (S/M), prostituição ou quaisquer outras formas de pagar por uma experiência sexual ou sensual.

No Twitter acabei encontrando uma rede de pessoas envolvidas dos mais diversos modos com a indústria do sexo no Brasil: organizadores de feiras eróticas, performers, produtores de filmes pornográficos, donos de produtoras, fotógrafos especializados em fetiches, atrizes pornográficas, pessoas ligadas ao S/M, editoras de livros com conteúdo sexual, sites para divulgação de material erótico/pornográfico e também consumidores de serviços desta indústria (especialmente de pornografia – *mainstream* e alternativa).

⁴ Uma ótima análise do S/M comercial pode ser encontrada em McClintock (1994). Muitas são as pesquisas recentes realizadas no Brasil sobre as mais diversas partes da indústria do sexo, tais como clubes de sexo para homens, S/M, sex-shops e uso de sex toys, bastidores da pornografia, imigrações e viagens para fins sexuais: Braz (2010), Facchini (2008), Gregori (2010), Benitez (2010); Piscitelli (2006).

Esta pequena reflexão sobre o Twitter tem como objetivo trazer para a discussão questões metodológicas envolvidas na realização de etnografias na e da internet. Estudos que pretendem entender a internet e as possibilidades fornecidas por ela são ainda recentes, especialmente em antropologia. Muitos foram os avanços nos últimos anos, mas acredito que continuamos em busca de metodologias para dar conta tanto da imaterialidade tão palpável do *on-line*, quanto do complexo imbricamento daquilo que, talvez para facilitar nosso próprio posicionamento em campo, continuamos a chamar e tratar como pólos de *on-line* e *off-line*. O Twitter, por exemplo, é algo que precisa ser explorado mais detidamente tanto em termos empíricos quanto teóricos e metodológicos, visto que ele pode ser um instrumento de pesquisa bastante eficiente. Entretanto, seu uso traz implicações e pensar sobre elas é, sem dúvida, uma parte importante do processo de pesquisa.

Foi através do Twitter que tomei conhecimento da realização de uma feira de produtos eróticos que ocorre anualmente em São Paulo. Já sabia da existência desta feira, mas nunca havia cogitado existir qualquer relação com meu tema. Ao entrar no site do evento, vi que seria realizado no mesmo período uma premiação de vídeos pornográficos que contaria com debates cujo tema mais amplo seria pornografia e internet.

Até agora o que pretendi mostrar foi o fluxo de acontecimentos e navegações que marcaram o desenvolvimento da pesquisa. Resolvi mostrar este percurso porque, além de contar como dado de pesquisa, ele explica a maneira como estabeleci o recorte empírico. Temas como a pornografia infantil, a pirataria, o envolvimento de mulheres na indústria pornográfica e as tentativas de regulação da internet também estão sendo debatidos por pessoas ligadas à produção e ao consumo de pornografia, seja ela *mainstream* ou alternativa. Tive uma amostra disso nestes debates promovidos por pessoas ligadas ao mercado erótico cujo eixo principal girava em torno de pornografia e internet. A pirataria e a questão dos direitos autorais são uma grande preocupação, haja vista a proliferação de sites com conteúdo gratuito e as variadas tentativas de criar legislações específicas para as condutas na internet. A pornografia infantil também desperta atenções, sendo que o tempo todo se frisa o fato de que as pessoas participantes dos vídeos e imagens possuem maioridade legal e estão ali consensualmente. Também em relação à pornografia infantil existe uma grande mobilização jurídica para o seu controle e aprovação de leis nacionais e transnacionais que impeçam sua propagação e apliquem penas mais severas aos acusados.

Passo agora à descrição dos *X-sites*, passando por discussões em torno da pirataria e da crescente segmentação do mercado pornográfico proporcionada pela internet. Como adverti no início deste paper, estas são observações iniciais somadas a um esforço também inicial de retirar das primeiras incursões empíricas questões teóricas e metodologicamente relevantes.

3 – X-sites, segmentação e pirataria

A proposta central de minha pesquisa é a tentativa de entender a divisão dos materiais e representações pornográficas encontrados *on-line* em *mainstream*, alternativo e amador, tentando perceber quais as convenções de gênero e sexualidade são mobilizadas em casa um deles. O que a pesquisa de campo realizada até o momento trouxe foi um recorte mais preciso dos *X-sites*

em que concentrarei a observação e interação. Utilizo *X-sites* de modo genérico para identificar os sites em que há veiculação de conteúdo pornográfico. Meu objetivo é refletir sobre sites gratuitos e agregadores dos mais diversos segmentos de vídeos pornográficos: Xvideos, RedTube, YouPorn e PornoTube. Apesar de nenhum deles estar hospedado em domínio brasileiro, são bastante utilizados por internautas do Brasil. Prova disto é a grande quantidade de filmes de produtoras nacionais neles postadas e os vários comentários de brasileiros que podem ser encontrados nos tópicos de discussão dos vídeos.

A peculiaridade destes sites é que permitem a qualquer um, em qualquer lugar do mundo⁵ hospedar ou assistir os vídeos. Todos eles possuem um funcionamento semelhante e bastante simples. Para os que só querem assistir os vídeos, não é necessário ser cadastrado e a única “barreira” para a entrada é ter no mínimo 18 anos. A página inicial de todos traz avisos sobre o tipo de conteúdo que o internauta está prestes a acessar. Após confirmar sua idade (que pode ser inventada facilmente), o internauta é encaminhado para a página dos últimos vídeos adicionados. Ali estão colocadas pequenas telas onde podem ser vistas breves cenas dos vídeos. Debaxo de cada uma há o nome do vídeo, a quantidade de vezes que ele foi visto, sua duração e uma avaliação dada a partir dos votos dos que os assistiram.

A maior parte do conteúdo são vídeos produzidos com propósito comercial e “pirateados” para estes sites. As produtoras também se utilizam destas ferramentas, mas

⁵ A princípio não haveria qualquer impedimento para postagem, mas isto não é o que ocorre. Em muitos países tem sido aprovadas legislações mais restritivas em relação ao uso da internet e muitos destes *X-sites* chegam a ser bloqueados. Também está vetada a utilização destes sites por menores de idade (18 ou 21 anos), mas não há uma regulação muito efetiva neste sentido.

neste caso, adicionam apenas pequenos trechos dos filmes, colocando o endereço de onde a produção pode ser vista na íntegra e mediante pagamento. De modo geral, os vídeos que encontrei nestes sites reiteram a velha lógica dos filmes pornográficos convencionais encontrados em locadoras, cinemas pornô ou canais pagos de televisão. A fórmula e o script são basicamente os mesmos: filmes heterossexuais ou lésbicos para homens; centralidade do sexo anal; apagamento do homem, que se resume ao pênis (na grande maioria dos vídeos, não aparece nem mesmo o seu rosto); obrigatoriedade do gozo, observável pelos gemidos e outros sons geralmente femininos e pelo pênis que ejacula – o chamado *money shot* – em direção a câmera e preferencialmente no rosto da atriz.

A novidade talvez esteja na utilização da internet como meio de divulgação, formação de comunidades de consumidores e produtores – e, em muitos casos, estas duas posições se confundem – e meio que permite uma maior acessibilidade a conteúdos de sexo explícito. Neste sentido, entram como pontos positivos a possibilidade de anonimato, a interface simples que os *x-sites* utilizam e gratuidade de acesso.

Um outro ponto que chama a atenção é que podem ser encontrados nos sites citados uma quantidade considerável de filmes chamados de amadores. Em relação a eles, uma breve observação: algumas pessoas reivindicam um nome para estas filmagens e as chamam de *realcore*. O termo é uma criação do pirateiro, ativista anti-copyright e jornalista italiano Sergio Messina e quer tipificar o pornô amador *on-line* (“online amateur porn”). De acordo com Messina (2007), o *realcore* representa um novo segmento de imagens sexuais que surgiram nos anos 90 com a popularização das novas mídias digitais. Ele considera o *realcore* mais corajoso que o *hardcore* porque há um esforço em mostrar “a realidade da cena e os verdadeiros desejos dos participantes”. Parece-me que clama para o *realcore* a posição de mostrar o verdadeiro sexo, aquele que as pessoas fazem em suas casas, com seus parceiros.

Já a chamada pornografia alternativa (*altporn*) representaria uma tentativa de quebrar com as convenções do pornô mais convencional, buscando retratar outros corpos, outros desejos, outras posições sexuais. De acordo com Attwood (2007), estes sites de pornografia alternativa combinariam os eixos comércio e comunidade. A autora acredita que o *on-line* não é simplesmente uma extensão da pornografia comercial *off-line*, mas cria novas oportunidades de produção e consumo, nublando, em muitos momentos, a divisão entre produtores e consumidores (exemplo são os vídeos amadores ou mesmo os sites de webcam ao vivo). Além disso, haveria uma modificação na lógica

da indústria e alterações em algumas das convenções encontradas nos filmes pornôs. Assim,

The rapid growth of new forms of online pornography and the taste cultures that grow up around them are blurring the boundaries between porn and other aesthetics, between commercial and non-commercial forms of sex, between consumption and community, and between sex as representation and self-presentation, recreation and relation. It poses new questions about what we mean by commercial sex and how we might develop its study. (ATTWOOD, 2007, p. 453)

Outro ponto a ser notado é que grande parte dos sites observados trazem anúncios publicitários de outros ramos do mercado do sexo. Os mais comuns são de sites pornográficos pagos, programas para sexo online e *off-line*, de *escorts* e acompanhantes, de webcams ao vivo, de soluções miraculosas para aumentar o tamanho de pênis, de redes de relacionamento como o Adult Friend Finder (é uma espécie de Facebook ou Orkut para encontros sexuais). Deste modo, nota-se que diversas partes da indústria do sexo se interseccionam no *on-line*, sendo que as pessoas - sejam elas produtoras ou consumidoras – transitam entre vários destes diferentes locais.

Esta situação é muito semelhante àquela encontrada por Benítez ao estudar os bastidores do pornô brasileiro. De acordo com ela, existiriam “redes do pornô”, compostas por pessoas – atores, atrizes, produtores, criadores, diretores, assistentes, fornecedores, recrutadores, distribuidores - e locais – motéis, ruas, boates, revistas, sites, saunas, clubes e casas noturnas - que estão em constante trânsito e em relação muito próxima a outros ramos do mercado do sexo.

O que a pesquisa de campo tem me mostrado até o momento é que estas redes continuam a atuar no *on-line* e chegam até mesmo a se estenderem para além dele. Os *X-sites* não se resumem a apenas veicular pornografia, mas permitem que seus usuários cheguem a outras partes do mercado do sexo e naveguem por variadas possibilidades que não terminam no ato de assistir um vídeo. Do mesmo modo, os produtores, sejam eles empresas ou indivíduos, profissionais ou amadores, também podem se conectar a outras pessoas ligadas à indústria do sexo.

Neste sentido, foi de grande importância para a pesquisa o debate promovido por pessoas ligadas ao mercado erótico em torno do tema pornografia. Como mencionei anteriormente, este debate aconteceu na semana de realização da maior feira erótica do país e visava trazer alguns temas como a pirataria para a discussão, bem como premiar os melhores filmes, cenas, atrizes e atores do pornô brasileiro. A lição deixada por esta

perambulação *off-line* é que a chamada indústria do sexo compõe-se de uma rede onde estão circulando convenções, desejos, pessoas, dinheiro e práticas. Percebi que as várias partes desta rede estão mais interligadas do que eu supunha inicialmente. No projeto eu já alertava, após a observação de sites de

conteúdo gratuito e de seus anunciantes, para a intersecção de vários campos do mercado erótico no *on-line*. O mesmo se dá com partes do mercado erótico brasileiro, sendo que parte destas redes estavam materializadas ali na feira erótica e, como percebi depois, também nas interações que estas mesmas pessoas estabeleciam *on-line* – especialmente através do Twitter. Após a realização do evento comecei a seguir e ser seguida no Twitter por várias pessoas ligadas a diferentes ramos do mercado erótico. Isto me propiciou uma ótima oportunidade para perceber as relações estabelecidas entre eles, bem como possíveis tensões e também o engajamento de consumidores nesta rede.

Para finalizar, acredito ser pertinente trazer alguns poucos apontamentos sobre a questão da pirataria e o modo como ela incide na organização do mercado pornográfico. No caso específico do Brasil, a indústria pornográfica tradicional (*mainstream*) estaria acabando. Os motivos sugeridos para esta situação por pessoas ligadas ao mercado do sexo e consumidores participantes dos debates na feira erótica seriam a falta de iniciativa para utilização da internet para venda, montagem de sites chamativos e divulgação; a baixa qualidade das produções e a manutenção de fórmulas gastas na produção e filmagem dos filmes. Por isso iniciativas apenas *on-line* como a produções *altporn* ou mesmo os sites gratuitos de vídeos *on stream*, como RedTube, Xvideos, YouPorn e PornoTube estariam se tornando tão populares.

A internet também seria a responsável por segmentar ainda mais o mercado pornográfico, ao criar “nichos” diferenciados para cada tipo de filme ou imagem. Isto facilita o acesso e gera cada vez mais demandas por novos segmentos. Foram citados portais como o Brazzers.com no qual são disponibilizados vídeos gratuitos de curta duração, com algumas poucas cenas. Para ver o restante do filme, a pessoa deve pagar pelo acesso. Portais como este poderiam ser alternativas para a pornografia *mainstream*.

Outro assunto bastante comentado neste ciclo de debates foi a crescente mobilidade da tecnologia (vide a transformação dos celulares em pequenos computadores) e a necessidade da pornografia se moldar a estes novos tipos de conteúdos. Os celulares apresentam a vantagem de possibilitarem a cobrança pelo acesso à pornografia. Por outro lado, há um maior controle dos conteúdos fornecidos porque todo o trânsito depende das operadoras de telefonia. A preocupação central neste sentido é evitar o acesso de pornografia por crianças e envolvendo crianças. Este tipo de

acesso também permite uma maior ramificação do público porque, em geral, quem acessa e compra pornografia pelo celular são pessoas que não possuem acesso à internet (classes C e D). De todo modo, a mobilidade da pornografia é apenas um “plus”: não se cria nada especificamente ou exclusivamente para celulares. O que se veicula são pequenos vídeos (cerca de 30 segundos) e algumas imagens.

Acredito que cabem algumas considerações sobre o debate mais amplo sobre pirataria, visto que ele incide diretamente em meu campo de estudos. Falar de pirataria e direitos autorais hoje é entrar em um campo de batalhas. Assim como pornografia infantil, é uma dos assuntos mais discutidos atualmente, sendo que são recorrentes as tentativas de criar leis para monitoramento da internet.

No caso do Brasil, 2008 e 2009 foram anos marcados por intensos debates tanto nos âmbitos *on* e *off-line*. A discussão girava em torno da chamada Lei Azeredo. Este projeto de lei é uma junção de três outros processos que tramitavam no Congresso e na Câmara e visavam criar normas para o acesso à rede e para controle das atividades desenvolvidas na internet. O grande problema deste projeto de lei é que ele dá ao Estado um poder sem precedentes no controle dos conteúdos acessados pelos internautas, sendo que as provedoras de acesso passariam a ser obrigadas a fornecer todos os dados de localização e páginas acessadas aos órgãos federais (Polícia Federal, Ministério Público). Além disso, esta lei tipifica 13 novos crimes e aumenta as penas para crimes em que já há punições definidas. Entre estes crimes estão a pornografia infantil, a pirataria e as violações de direitos autorais, além de atividades de *hackers* e o *pishing* (roubo de senhas e dados de usuários).

O argumento dos que se posicionavam contrariamente ao projeto (que o apelidaram de AI-5 Digital) é que ele fere o direito de privacidade de acesso e navegação, já que seria criado um banco de dados com cadastro de todos aqueles que acessam a rede e, como já mencionei, os provedores seriam obrigados a armazenar conteúdos de seus usuários por até 3 anos. O texto original do projeto não foi aprovado na íntegra, mas ainda assim as discussões não tiveram fim.

O atual debate gira em torno da reformulação das leis de direitos autorais. Sem dúvida, isto incide nas discussões sobre pirataria visto que piratear significa exatamente copiar e divulgar algo (livros, filmes, séries, programas, jogos, músicas) pelo qual não estão sendo pagos direitos de uso. As empresas também têm entrado cada vez mais nesta disputa, sendo que exigem do governo um posicionamento em relação aos piratas, virtuais ou não.

Por outro lado, os “pirateiros” tem se organizado de modo mais sistemático. É o

caso, por exemplo, da criação de um Partido Pirata, devidamente reconhecido, na Suécia. A ideia do Partido Pirata se espalhou pelo mundo e chegou ao Brasil. Aqui também temos um grupo que se denomina Partido Pirata, mas que não é legitimado política e juridicamente. No entanto, eles se organizam através de listas na internet e por meio de reuniões mensais nos núcleos regionais.

E no que isto afeta a pornografia? Eu diria que de muitos modos. O principal deles é que grande parte das produções das empresas do mercado pornográfico são colocadas em variados sites para download ou *on stream*, onde podem ser assistidos sem a necessidade de copiá-los para o computador. As empresas têm então uma diminuição de seus rendimentos e precisam se adequar – e nisto as produtoras nacionais estariam falhando – às novas realidades colocadas pela internet.

Acredito que este debate está apenas começando e tende a se acirrar nos próximos anos. Em meio a este campo de disputas, não vejo como uma pesquisa que pretende estudar pornografia na internet possa fugir de debater pirataria, visto que este tema é uma preocupação das pessoas ligadas à pornografia e que não querem ser associadas a uma prática considerada criminosa. Torna-se relevante na medida em que cada vez mais há uma tentativa de controlar conteúdos. Como afirmei anteriormente é muito difícil tipificar estes conteúdos a serem controlados, o chamado “lado negro”⁶ da internet. De algum modo, os X-sites ou programas que permitem a troca de vídeos pornográficos podem ser atingidos e isto afetaria os futuros rumos desta investigação. Por fim, é uma preocupação também metodológica porque nos sites de pornografia *mainstream* e gratuita que me propus a estudar, já me deparei repetidas vezes com vídeos que infringem algum tipo de lei (seja porque são pirateados ou porque exibem pornografia infantil). Por mais que se tente controlar sua proliferação, eles estão presentes e me colocam importantes questões éticas⁷ que influem em meu posicionamento em campo.

⁶Utilizo o termo “lado negro” utilizando a nomenclatura sugerida pelo pesquisador norte-americano Michael Bergman. Este lado negro da internet – também chamado de “internet profunda” ou “internet invisível” - seria formado por plataformas paralelas que distribuiriam anonimamente todos os tipos de conteúdos. Um exemplo é o Freenet, um software que permite diversas atividades e tem sido local para hospedagem de pornografia infantil, troca de vírus, agregador de grupos terroristas, entre outros. De todo modo, é um local da internet ainda pouco estudado e de difícil definição.

⁷Como a pornografia infantil é crime e qualquer apologia ou convivência com tais atitudes também seriam, sempre que me deparo com fotos ou vídeos envolvendo crianças recorro ao Safenet e efetuo a denúncia, indicando o link do site, uma breve descrição do conteúdo, data, horário e meu IP de acesso.

Bibliografia

AGUSTÍN, Laura Maria. Introduction to the cultural study of commercial sex. *Sexualities* [online]. 2007, vol.10(4), p.441-456. Disponível em:

<http://sexualities.sagepub.com/cgi/content/refs/10/4/403>

ATTWOOD, Feona. No money shot? Commerce, pornography and new sex taste cultures. *Sexualities* [online]. 2007, vol 10 (4) [citado 2008-09-25], p.441-456. Disponível em:

<http://sexualities.sagepub.com/cgi/content/abstract/10/4/441>.

BENITEZ, Maria Elvira Diaz. *Nas redes do sexo: bastidores e cenários do pornô brasileiro*. Tese (Doutorado). PPGAS/MN/UFRJ, 2009.

BONIK, Manuel e SCHAALÉ, Andreas. The Naked Truth: Internet Eroticism and The Search. In: JACOBS, K; JANSSEN, M. & PASQUINELLI, M (ed). *C'lickme*. A netporn studies reader. Amsterdam: Institute of Network Cultures, 2007.

BRAZ, Camilo. *À MEIA-LUZ... Uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos*. Tese (Doutorado). Doutorado em Ciências Sociais, IFCH/Unicamp, 2010.

CORNELL, Drucilla. Introduction. In: CORNELL, D. (ed). *Feminism and Pornography*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2000.

DERY, Mark. Naked Lunch: Talking Realcore With Sergio Messina. In: JACOBS, K; JANSSEN, M. & PASQUINELLI, M (ed). *C'lickme*. A netporn studies reader. Amsterdam: Institute of Network Cultures, 2007.

ESCOBAR, Arturo. Welcome to Cyberia: notes on the anthropology of cyberculture. *Current Anthropology*, vol. 35, nº3, 1994, p. 211-231.

FACCHINI, Regina. *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. Tese. Doutorado em Ciências Sociais, IFCH/Unicamp, 2008.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1-A vontade de saber*. São Paulo: Graal, 15ª edição, 2009.

GREGORI, Maria Filomena. *Prazeres Perigosos*. Erotismo, gênero e limites da sexualidade. Tese de livre-docência. IFCH/Unicamp (no prelo), 2010.

HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. Londres: Sage Publications, 2001.

JACOBS, K; JANSSEN, M. & PASQUINELLI, M. Introduction. In: *C'lickme*. A netporn studies reader. Amsterdam: Institute of Network Cultures, 2007.

LEITE JR, Jorge. *Das maravilhas e prodígios sexuais*. A pornografia “bizarra” como entretenimento. São Paulo: Annablume, 2006.

MILLER, D & SLATER, D. Etnografia *on* e *off-line*: cybercafés em Trinidad. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, nº21, p.41-65, jan/jun. 2004.

PARREIRAS, Carolina. Sexualidades no pontocom: espaços e (homo) sexualidades a partir de uma comunidade online. Dissertação de mestrado. IFCH/Unicamp: Campinas, 2008.

WEITZER, Ronald (ed). *Sex for sale*. Prostitution, pornography and the sex industry. New York/London: Routledge, 2000.

WILLIAMS, Linda. *Hard Core*. Power, pleasure, and the "Frenzy of the visible". Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1999.

WILLIAMS, Linda. *Screening Sex*. Durham/London: Duke University Press, 412p, 2008.